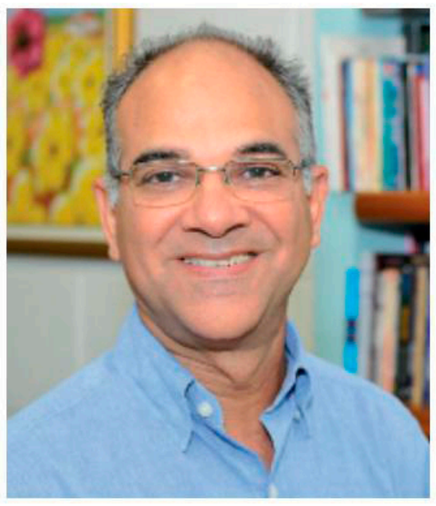
ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: **CLAUDER ARCANJO**

NOSSA CASA DA RUA **25 DE JANEIRO**

AÉCIO CÂNDIDO
professor da UERN, aposentado.
Autor da obra *Tempos do verbo*
aeciocandidocuite@gmail.com



Ouvi de minha mãe, algumas vezes, a afirmação de que aquela já fora a melhor casa da rua. Em meados dos anos 1940, no meio de casebres de taipa cobertos de palha, ela, com paredes de tijolos e cobertura de telhas, sobressaía-se em sua excelência. De tijolo cru, esclareça-se. Isso, porém, não perturbava sua nobreza: na escala dos materiais de construção da época, o tijolo cru estava um degrau acima da taipa e um degrau abaixo do tijolo cozido.

O tijolo cru não vai ao forno. Além disso, é feito de qualquer argila, de qualquer barro, mesmo aquele contaminado pela presença de areia e matéria orgânica. Seu irmão mais escolado, o tijolo cozido, exige argilas mais nobres, com maior grau de pureza na composição. E o conhecimento de técnicas de cozimento e de construção de fornos, tecnologia antiga, do neolítico, quando o homem descobriu que o fogo dava dureza e impermeabilidade à argila, e resistência e durabilidade. Oleiros foram senhores de conhecimento por muito tempo.

O tijolo cru dispensa tecnologias e conhecimentos avançados. Qualquer um pode fazê-lo, basta querer e ter tempo. Um pai, com dois ou três filhos, a vontade de fazer e a decisão de começar, pode ter em pouco tempo sua casa construída. De que instrumentos precisa? De um enxadeco, para cavar o terreno e desentranhar o barro; uma pá, para movê-lo; água e pés dispostos a amassá-lo. Depois, algumas formas de madeira, para dar forma ao barro amassado. Daí pra frente, o Sol se encarrega do resto.

Barato e bom – compreender por que uma tecnologia tão funcional desapareceu é um bom tema de estudo para jovens sociólogos. Conheço ruínas de casas, completamente desprovidas de telhado há mais de 4 décadas, cujas paredes continuam de pé, expostas ao sol e à chuva, firmes, a exibir sua natureza amarela de tijolo cru.

Minha infância foi habitada por potes, alguidares, panelas, cuscuzeiras e quartinhas. Tudo de barro. O plástico não existia, o zinco era raro, o alumínio, raríssimo. Havia algumas coisas de ágata: pratos e canecas, por exemplo. Tudo objetos utilitários. Mas havia também brinquedos de barro, pequenas esculturas de touros, jumentos, cavalos e outros animais. Serviam para enfeitar a casa, mas também para brincar. Bonecas de pano, bolas de meia completavam os brinquedos e as brincadeiras. Eu conhecia algumas louceiras, sobretudo uma que, além de panelas e outros utensílios, fazia bois de majestosos cupins. Com uma delas, certamente, aprendi a coletar o barro de louça, colocar de molho para curtir e depois utilizá-lo em pequenas peças. Não aprendi a cozê-las. O abandono da prática me fez esquecer tudo isso.

Nesse tempo do reino do barro nas peças da cozinha, o jirau era uma parte da casa que ficava por fora dela. Feito de varas, ficava rente à janela da cozinha, quase em continuidade ao fogão à lenha, onde se ajeitava um alguidar para lavar a louça, e onde ela era colocada, emborcada, para escorrer e secar.

Depois dessa divagação quase sem fim, volto à casa da Rua 25. A casa não era grande, mas só vim a saber disso depois da adolescência, quando as coisas começam a tomar suas proporções reais. Tinha uma sala de visita, uma sala de jantar, dois quartos e a cozinha. A sala de jantar nunca serviu a essa finalidade, muito cedo transformou-se em quarto, para abrigar as crianças, que cresciam em número. Os dois quartos eram separados por um corredor que ia dar na cozinha. Tudo muito pequeno, minúsculos todos os cômodos. No quarto do casal, a cama ocupava quase todo o espaço, sem sobrar praticamente nada para circulação. Era nessa cama, que me parecia enorme, em que os quatro filhos se abrigavam sob os cuidados de minha mãe, quando chovia e quando os relâmpagos, clareando o céu, traziam beleza e medo. Minha mãe corria a esconder tesouras e outros objetos de ferro, porque se dizia que o metal atraía raios. Depois desses cuidados, nos refugiávamos em sua cama, ela nos cobria a todos, e assim, já sem medo, ríamos da metáfora da galinha com seus pintinhos embaixo da asa. Era o parecíamos ali, o conjunto. A partir daí, gozávamos da chuva a poesia dos pingos no telhado e o calorzinho gostoso da filharada reunida embaixo do cobertor quentinho.

A cozinha contava com um espaço inexistente no desenho das cozinhas contemporâneas: o depósito onde se guardava o carvão vegetal do consumo diário. Era uma espécie de tanque raso num de seus cantos, sempre tomado pela poeira enegrecida. No quarto de minha mãe também havia uma peça de mobiliário que desapareceu: chamava-se bidê, na linguagem local emprestada do francês. Era um pequeno armário de madeira onde se guardavam os penicos e aparadeira.

A casa tinha um quintal com cerca de avelós.

Só havia na casa um piso cimentado. Era o da sala de visitas. O da sala de estar e o do quarto do casal eram atijolados; o outro quarto e a cozinha eram de chão batido. O chão de terra batida explicava a perturbação do sono pelas pulgas. Convivia-se com elas, que deixavam nos lençóis e no pijama as pequenas marcas de sangue de sua passagem.

O piso de cimento e de cerâmica expulsou as pulgas de dentro de casa, assim como as estradas expulsaram do sertão os cangaceiros.

Dessa casa não existe nem um retrato na parede. Tudo que resta está na memória, para morrer conosco.

defato.com

DIREÇÃO GERAL: César Santos
DIRETOR DE REDAÇÃO: César Santos
GERENTE ADMINISTRATIVA: Ângela Karina
DEP. DE ASSINATURAS: Alvanir Carlos

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

FILIADO À ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS www.anj.org.br

www.defato.com **E-MAIL**: redacao@defato.com **TWITTER**: @jornaldefato_rn | **REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE**: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160
TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró) | **COMERCIAL/ASSINATURAS**: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

AS COLUNAS E MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES